

Em defesa do hífen

Ênio Brito Pinto¹

Como se escreve corretamente o nome de nossa abordagem? Gestalt terapia? Gestaltterapia? Gestalt-terapia?

Há algum tempo venho lidando com um certo mal-estar que sinto a respeito do nome de nossa abordagem. Qual a melhor e mais correta maneira de se escrever esse nome? Gestalt terapia? Gestaltterapia? Gestalt-terapia? Embora seja um bem-falante do idioma, não sou professor de Português, de modo que tive dúvidas sobre como abordar essa questão, ou seja, que caminho eu poderia seguir para começar a escrever sobre esse tema? Foi difícil até mesmo determinar com clareza se este tema seria relevante, ou se eu estava apenas diante de um detalhismo meu, algo que devesse deixar para lá, por irrelevante.

Mas como o nome, ou seja, parte da identidade de uma abordagem pode ser irrelevante? A Psicanálise é a mesma coisa que a Psique Análise? O Psicodrama é a mesma abordagem que o Psique Drama? No meu modo de ver, e desde que conheci a Gestalt-terapia, nos anos 1970, o hífen é elemento essencial no nome da abordagem gestáltica, ou seja, *Gestalt-terapia* é diferente de *Gestalt terapia* ou de *Gestaltterapia*.

Para me aprofundar um pouco mais na questão, comecei, então, pelo mais básico: por que alguns colegas gestálticos dispensam o hífen? Minha primeira hipótese para responder a essa questão foi a de que esses colegas poderiam estar influenciados pela maneira como se escreve o nome da abordagem gestáltica em Inglês. Fui verificar, e dito e feito: em Inglês a grafia é “*Gestalt Therapy*”, em duas palavras, sem o hífen. Pode estar aí o exemplo para que, em Português, também se escreva em duas palavras, sem o hífen.

Fiquei, então, pensando que talvez a construção das palavras seja diferente em ambas as línguas. Fui aos dicionários da Língua Portuguesa. Encontrei *Gestaltterapia*; assim, numa palavra só, com dois tês bem no meio. Ou seja, já saí da meia-luz e encontrei uma luz no fim do caminho: se os dicionários registram tal grafia, isso significa que se trata de uma palavra composta, e não de duas palavras simples colocadas lado a lado. É o mesmo

¹ Publicado na revista SampaGT, ano 4 número 4, Instituto Gestalt de São Paulo: 2007, p. 14-17

caso da Psicanálise (psique²+análise) e do Psicodrama (psique+drama). Era hora de rever antigas lições de Português, em busca da conceituação e de explicações sobre as palavras compostas.

Meu avô materno foi professor de Latim e de Português por anos e anos, tendo deixado alguns livros, de diversos autores, como legado secundário de sua admirável carreira como educador. Também minha tia materna foi professora de Português e educadora, seguindo a saga do pai, e também ela legou-me livros sobre nosso idioma. Há muito tempo eu não mexia nessas obras, os livros estavam esquecidos na empoeirada estante da antiga casa da família, como velhas lições à espera de novos aprendizes que as renovassem. Minha questão sobre o nome da abordagem gestáltica acabou por colocar-me diante da oportunidade de reorganizar a estante e, ao mesmo tempo, buscar, em algumas daquelas obras, possíveis respostas para minha dúvida. Foi o que fiz, embora com o cuidado de lembrar que não tenho uma questão lingüística, mas apenas um desejo de escrever corretamente o nome da abordagem psicológica que orienta minhas atividades profissionais em meu dia-a-dia. Isso determina a profundidade que posso alcançar com essa questão neste artigo.

Lembro-me de que uma das gramáticas prediletas de meu avô era a do professor Evanildo Bechara. Encontrei-a em meio aos outros livros e tratei de consultá-la. Reaprendi, à p. 214, que há palavras divisíveis e palavras indivisíveis, e que essas últimas se dividem em simples e compostas. As compostas são aquelas que possuem mais de um radical, como *guarda-chuva*, *couve-flor*, *planalto* e *fidalgo*. Reaprendi também que há dois processos de formação de palavras, a composição e a derivação. A derivação consiste na formação de outra palavra por meio de afixos (por exemplo, *livraria* deriva de *livro*; *reter*, *deter* e *conter* derivam de *ter*); a composição é o caso que nos interessa aqui, pois, diz Bechara (1963, p. 215), ela “consiste na criação de uma palavra nova por meio de duas ou mais outras cuja significação depende das que encerram seus componentes.” Dentre outras maneiras, a composição pode se dar entre dois substantivos, como é o caso de *Gestalt-terapia*; essa composição pode ser feita por justaposição (*guarda-roupa*, *Gestalt-terapia*, *vaivém*) ou por aglutinação (*fidalgo*, *auriverde*, *psicanálise*). Dentre as maneiras de se fazer uma

² Por acomodação fonética, *psique* se torna *psico* e, no caso da psicanálise, *psic*.

composição de palavras, há o que se chama de hibridismo, ou seja, “a formação de palavras com elementos de idiomas diferentes” (Bechara, 1963, p. 228), como é o caso de *Gestalt-terapia* (alemão+português) e de *automóvel* (auto[grego]+móvel[português]).

Então, recapitulando, já sabemos que existem palavras compostas e que algumas delas são compostas por justaposição, como é o caso de *Gestalt-terapia*. Com isso, me parece que o uso da versão *Gestalt terapia*, em duas palavras soltas, se torna, no mínimo, questionável. As palavras constituintes de uma palavra composta, quando desmembradas, guardam outro significado, como podemos perceber, por exemplo, em *pai-de-santo*, *pé-de-galinha*, *testa-de-ferro*, *dedo-duro*. O pai-de-santo não é um pai de um homem santo; não há pés-de-galinha no pé da galinha; a testa do testa-de-ferro não é de ferro, assim como o dedo do dedo-duro não é necessariamente duro.

Além do mais, estritamente falando, a junção dessas duas palavras (*Gestalt e terapia*) sem nenhum elemento de ligação soa, no mínimo, estranha; é, mais ou menos, como se tirássemos o hífen de *sabiá-laranjeira*. Uma coisa é eu dizer “o sabiá-laranjeira canta desde a madrugada”; outra coisa é eu dizer “o sabiá laranjeira canta desde a madrugada”. Na segunda frase, a palavra *laranjeira* quebra o sentido da frase, é um elemento estranho à frase, uma vez que ela não se liga automaticamente a sabiá e é dispensável para a compreensão da oração.

Chegamos, então, a outra questão. Com hífen, ou sem hífen? *Gestalt-terapia* ou *Gestaltterapia*?

Para buscar resposta a esta questão, agradeço e deixo de lado meu avô e o professor Bechara, e peço auxílio a um pequeno livro que ganhei de minha tia, um guia ortográfico escrito por Osmar Barbosa. Lá aprendo que o hífen é usado, dentre outras coisas, para ligar os elementos de palavras compostas. Nesse caso, “só se ligam por hífen os elementos de palavras compostas em que se mantém a noção de composição, isto é, os elementos das palavras compostas que mantêm a sua independência fonética, conservando cada um sua própria acentuação, porém formando o conjunto perfeita unidade de sentido (grifos meus).” (Barbosa, 1985, p. 121)

A seguir (p. 121/123), Barbosa dá uma lista de quatro regras para o uso do hífen em palavras compostas, das quais nos interessa aqui apenas a primeira, pois é ela que justifica

o uso do hífen em *Gestalt-terapia*. Diz o autor: “o hífen é usado nos seguintes casos: 1) nas palavras compostas em que os elementos, com sua acentuação própria, não conservam, considerados isoladamente, a sua significação, mas o conjunto forma uma unidade semântica: *água-furtada, cata-vento, couve-flor, decreto-lei, etc.*”

Ainda mais adiante (p. 122), Barbosa nos dá mais um argumento em favor do uso do hífen, quando afirma que “quando se perde a noção de composto, algumas vezes por não ter um dos elementos vida própria na língua, os elementos são ligados sem hífen ou aglutinadamente: *aeroporto, aguardente, sobremesa, vinagre, etc.*” No caso de *Gestalt-terapia*, não se perde (antes pelo contrário!) a noção de composto e as duas palavras constituintes do vocábulo, *Gestalt* e *terapia*, têm vida própria, podendo as duas serem encontradas com facilidade nos dicionários de língua portuguesa.

Enfim, esses são os argumentos que tenho, até agora, para defender o uso do hífen em *Gestalt-terapia* a partir do idioma português. Quero finalizar fazendo uma defesa do hífen a partir da Psicologia, especificamente da Psicologia Fenomenológica, um dos berços da Gestalt-terapia.

Ao lermos textos ligados à psicologia fenomenológica, não encontraremos expressões como *ser no mundo, ser para a morte, ser com, relação eu tu, ser para si, ser em si*, dentre outras. O que encontramos é *ser-no-mundo, ser-para-a-morte, ser-com, relação eu-tu, ser-para-si, ser-em-si*. A diferença não é apenas o hífen, mas o significado que se alcança a partir do uso do hífen.

Por exemplo, quando discute, a partir da Fenomenologia, como se dá a percepção humana, Marilena Chauí cita uma questão de Merleau-Ponty: “Olhemos para uma piscina ladrilhada de verde-claro e rodeada por um jardim. O que percebemos?” A autora responde:

O fenomenólogo mostrará que perceber-uma-piscina-ladrilhada-com-água-e-rodeada-de-árvores é perceber exatamente isso: os reflexos das árvores na água, as nuances de cor no líquido, a movimentação dos ladrilhos. Não estamos recebendo estímulos que formarão impressões no cérebro: estamos percebendo uma forma organizada ou uma estrutura.

(...) Estamos vendo e percebendo ladrilhos-de-uma-piscina-com-água (portanto, formas móveis no chão e nas paredes da piscina); estamos vendo ou percebendo as-árvores-à-volta-de-uma-piscina-com-água (portanto, refletindo-se nas águas e agitando-se aos ventos); estamos vendo ou percebendo a água-de-uma-piscina (portanto, agitando os ladrilhos, recebendo reflexos, mudando de cor e de tonalidade). Isso é perceber.

Percebe o uso que Chauí faz do hífen? Ladrilhos de uma piscina com água não é a mesma coisa que ladrilhos-de-uma-piscina-com-água! O uso do hífen dá a idéia de um todo, de uma nova configuração, de uma gestalt que se completa. Ora, essa é a mesma função do hífen em *Gestalt-terapia*: formar um novo todo, diferente da soma de suas partes, como, aliás, aprendemos com a Gestalt: o todo é diferente da soma de suas partes. No nosso caso, o que vai dar a noção desse novo todo é o uso do hífen.

Então, é em função desses argumentos, defendidos sumariamente aqui, que sugiro desobedecermos os dicionários e deixarmos de lado a grafia *Gestaltterapia*, a qual, aliás, esteticamente, não é uma boa forma.

Não custa lembrar que o mesmo raciocínio desenvolvido até aqui se aplica a termos como gestalt-terapeuta, Gestalt-pedagogia e outros semelhantes.

Que a Gestalt-terapia voe e cante como o bem-te-vi em sua original e hifenizada configuração!

EBP/nov/2007

Referências bibliográficas

BARBOSA, Osmar. *Guia Ortográfico Moderno*. São Paulo: Ediouro, 1985.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1963.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. Disponível na internet:

http://www.armazem.literario.nom.br/autoresarmazemliterario/eles/martinhocarlos/ost/filosofia/26_modulo26.htm, em 26/11/2007.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa 1.0*.

LAPA, M. Rodrigues. *Estilística da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1968.